

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Os Neoconservadores e a Direita Cristã nas administrações de George W. Bush

Ariel Finguerut*

Resumo: Este artigo tem como proposta analisar o perfil do gabinete de governo de George W. Bush, suas principais mudanças entre o fim da primeira administração e o início da segunda. Na conclusão faremos uma análise do corpo de forças que sustentam e que elegeram George W. Bush enfatizando neste quadro os neoconservadores e a Coalizão Cristã.

Palavras-chave: George W. Bush, Neoconservadores, Direita – cristã.

Abstract : This article propose to make a profile of George W. Bush cabinet, the changes between the end of the first mandate and the beginning of the second. In the conclusion we will make an analyze of the forces that sustain and that elected George W. Bush , we emphasis the neoconservatives and the Christian – Right.

Key – words: George W. Bush, Neoconservatives, Christian – Right.

Governo George W. Bush - As forças que o elegeram e sua sustentação política

O termo “conservador” não é novo na política. Por outro lado, desde a Revolução Francesa, fala-se em “direita” e “esquerda”. No cenário contemporâneo dos EUA, por que nos referirmos a uma “nova direita” e aos “neoconservadores”?

Os EUA - da metade do século XIX aos nossos dias - viram a consolidação de uma nova força política e de uma nova concepção sobre sua presença internacional. Trata-se por um lado, da emergência de uma direita formada pela Coalizão Cristã e da influência, principalmente na política externa, dos neoconservadores. Nesta seção nos propomos a mostrar como esses dois movimentos distintos se uniram, elegendo e reelegendo George W. Bush, formando uma base de apoio para este governo.

Direita Cristã

A pregação dessa direita se apóia na defesa da família judeu-cristã e de seus valores. Trata-se de pensar e de olhar para a cultura americana sob as lentes das sagradas escrituras, buscando na política a ferramenta para a concretização de ideais de nação e de sociedade.

* Ariel Finguerut Mestrando em Sociologia da Unesp - Araraquara, bolsista do CNPq, Pesquisador do OREAL – Observatório das Relações Estados Unidos-América Latina e do GEICD – Grupo de Estudos Interdisciplinar sobre Cultura e Desenvolvimento. E-mail: arielfing@gmail.com

Em números absolutos não são maioria, não passam de cerca de 25% do eleitorado hábil a votar. Porém, essa “minoria estatística” de perfil branco, evangélico e rico, que clama por uma “maioria moral”, consegue, na hora do voto, mostrar-se extremamente articulada. Trata-se de pensarmos numa estrutura de 70 mil igrejas, mais de 200 canais de televisão e 1500 estações de rádio. Programas populares como os de Pat Robertson, na televisão, e de James Dobson, no rádio, atingem respectivamente um universo de mais de um milhão de telespectadores em noventa países com mais de 40 línguas diferentes e cinco milhões de ouvintes por semana. Em 1998, os candidatos da Coalizão Cristã dentro do partido Republicano obtiveram a vitória em 18 Estados, sendo seus votos também muito decisivos em outros 13 Estados. Tudo essa influência no âmbito do poder decisório no executivo que vemos hoje é fruto de uma mobilização de quarenta anos cujos alvos centrais de ataque foram: o avanço das mulheres em seus direitos e no mercado de trabalho; o avanço nos direitos dos homossexuais; a AIDS como um problema de saúde pública; o avanço da educação sexual nas escolas públicas; as conquistas em relação ao aborto em termos legais; a separação entre religião e escola pública e o aumento da violência na grande mídia.

Esses temas de mobilização e inquietação para uma parcela representativa da sociedade, no início dos anos de 1980, encontram em Jerry Falwell um líder carismático, fundador de uma Igreja Batista¹, que também cria, em 1986, um movimento aglutinador dessas questões, a Maioria Moral, que cresceu transformando-se, nos anos de 1990, na Coalizão Cristã.

Com a base construída por Falwell somando-se a outras figuras carismáticas e populares, como Pat Robertson e James Dobson, e com a adesão de nomes com experiência política, como Gary Bauer (ex- acessor de Reagan) e Ralph Reed, a Coalizão Cristã montou uma estrutura de pressão e de poder. Esta incluía desde o lobby direto feito na porta do congresso², conselhos decisórios de lideranças³, alto poder para arrecadar fundos e uma vasta rede comunicativa que inclui canais de TV, emissoras de rádios , jornais, editoras, universidades, escolas primárias e secundárias e milhares de Igrejas espalhadas pelos EUA. Não apenas George W. Bush se apoiou e venceu apoiando-se nessa estrutura, como também dela nasceram nomes como Dick Armey, Tom DeLay, Trent Lott, Oliver North, Paul

¹ Trata-se da Thomas Road Baptist Church, fundada em 1956 (<http://home.trbc.org/>) ; Falwell também ganhou notoriedade por sua jornada contra a pornografia nos tribunais.

² Neste caso a tarefa cabe a “Concerned Women for America” e a “American Family Association” . Como nota vale destacarmos que há outros grupos religiosos que fazem lobby no congresso dos EUA . São eles : The United States Catholic Conference, The American Jewish Congress , The American Muslim Council e The Friends Committee on National Legislation.

³ Trata-se da Council for National Policy.

Weyrich e Jesse Helms. Todos esses nomes fizeram o que alguns autores chamaram de “revolução republicana”, produzindo vitórias parlamentares num cenário que até então era dominado pelos democratas.

A revolução republicana sustentada pela Coalizão Cristã não veio sem um preço. Espera-se, em troca dos votos e de toda essa estrutura que descrevemos, um comprometimento do governo, no âmbito doméstico, com o combate ao aborto, combate ao homossexualismo, incentivo à procriação, autonomia para os pais em relação à educação de seus filhos, incentivo ao trabalho doméstico para as mulheres e restrições à pornografia e à violência na mídia. Todavia, ao contrário do que muitos analistas apontam, a Coalizão Cristã também tem suas bandeiras internacionais e é justamente nestes temas que, a nosso ver, a influência desse grupo torna-se mais sensível no governo George W. Bush.

A principal dessas bandeiras é em relação a Israel. Sumariamente, a idéia básica é que estar contra Israel é estar contra Deus. A defesa do estado de Israel reverbera também na forma do apoio à criação de um forte sistema de defesa antimíssil para os EUA e norteia a política externa por valores morais, ou seja, trata-se de decidir a política internacional com base em questões como aborto, contracepção, papel das mulheres na sociedade, liberdade religiosa, educação e valores bíblicos. Em termos práticos, a Coalizão Cristã, forte no Congresso e apoiada por George W. Bush, veta o dinheiro americano para a ONU alegando que esta instituição multilateral é comandada por socialistas, humanistas e feministas que defendem o aborto. Esse organismo internacional, contrário à guerra dos EUA ao terrorismo, usa o dinheiro para distribuir contraceptivos.

Dessa forma a direita cristã formada pela Coalizão, pelos republicanos e liderados por George W. Bush, afastaram do poder decisório grupos até então poderosos como o Council on Foreign Relations, a Trilateral Commission e até mesmo a Igreja Católica. Em linhas gerais, podemos concluir que o objetivo desse grupo e da “nova direita” é o de colocar os valores morais no centro da política dos EUA, re-desenhando assim sua política doméstica e internacional, mostrando, em última instância, que uma nação pode ter como base a lei bíblica. Não por menos, o filósofo pragmatista Richard Rorty enxerga nesse fundamentalismo religioso o risco da emergência de um regime totalitário nos EUA.

A Constelação Neoconservadora

Partindo da reflexão de Edmund Burke (1982), podemos entender o clássico pensamento conservador como sendo elitista, suspeito em relação ao Estado, que valoriza

mais a liberdade do que a equidade com doses generosas de patriotismo, hierarquia e ceticismo em relação ao progresso. Avançando nessa linha, podemos entender que a concepção clássica de “direita” é relacionada ao conjunto de forças que valoriza a ordem em detrimento da justiça social, que aceita, e às vezes defende, o capitalismo. Portanto como podemos pensar os neoconservadores inseridos no que já definimos como “nova direita”? Tentaremos nesta seção mostrar como os neoconservadores foram e são decisivos como força política na sustentação do governo George W. Bush.

A raiz acadêmica dos neoconservadores está em Nova Iorque, com a fundação da University in Exile, em 1933, que recebeu intelectuais exilados principalmente da Alemanha nazista e que depois mudou seu nome para New School for Social Research, tendo como professor, por exemplo, um dos principais nomes vinculados ao círculo dos neoconservadores, o filósofo político alemão, naturalizado americano, Leo Strauss⁴. O movimento neoconservador, em sua origem, segue as trilhas de Strauss e encontra na Universidade de Chicago⁵ um abrigo. Foi nesta universidade onde ele formou seus famosos círculos de estudantes.

Dentre os primeiros discípulos de Strauss que caminharam para a política e que, posteriormente, formaram o movimento neoconservador, se destaca Harry Jaffe, que trabalhou na campanha derrotada de Barry Goldwater em 1964⁶. A concepção de Leo Strauss em relação aos EUA foi fundada no diagnóstico do medo e do temor das massas e da sombra do nazismo. Compartilhando desta visão negativa mas buscando a transformação, a primeira geração formada por Strauss, composta por Irving Kristol, Daniel Bell, Seymour Martin Lipset e Nathan Glazer, caminhou para a política formando novos círculos de discussão e veículos de difusão, especialmente revistas e periódicos, como foi o caso de *Commentary* e *The Public Interest*.

Com uma formação ampla em ciência social, economia e filosofia, com um passado muitas vezes vinculado à esquerda e, em sua maioria, vítimas ou filhos da perseguição nazista aos judeus da Europa, esse grupo, unido pela formação acadêmica comum e pela busca política por mudanças, passou a trabalhar para colocar suas idéias em prática. Irving Kristol, neste sentido, é o intelectual que se destaca pela capacidade de levar suas idéias para dentro do campo político. Foi assim que aceitou assessorar o senador democrata Henry “Scoop” Jackson, levando com ele nessa empreitada, jovens idealistas como Richard

⁴ Strauss lecionou na New School for Social Research entre 1938 e 1948.

⁵ Em 1944 Strauss consegue a cidadania estadunidense, e entre 1949 e 1969, leciona filosofia política nessa Universidade.

⁶ Perdeu para Lyndon Johnson.

Perle, Elliott Abrams e Frank Gaffney. Todos eles simpatizantes da figura anti-comunista do senador “Scoop”, perceberam, porém, que não seria no Partido Democrata o seio ideal para suas idéias, mudando para o partido republicano, quando assumem a denominação “neoconservador”, inicialmente em sentido irônico, depois sistematizá-da em diversos escritos por Irving Kristol.

No partido Republicano, onde tudo começou com Harry Jaffe, os já assim conhecidos “neocons” aceitaram trabalhar no governo Ronald Reagan, onde encontram apoio naqueles que trabalhavam na Defesa, entre os quais destacamos George H. W Bush, Donald Rumsfeld e Paul Wolfowitz. Em posições estratégicas e de decisão dentro do governo, os neoconservadores passaram a pensar dois temas centrais: a segurança internacional e a política externa dos EUA. A experiência de governo desse grupo nos anos de 1980 os colocou em posição privilegiada de acesso a tomada de decisão, permitindo a construção de redes no interior das instituições governamentais, com acesso a relatórios e a informações privilegiadas, bem como conhecimento dos círculos mais poderosos da política, o que lhes possibilitou além de montar uma vasta rede de revistas e jornais, organizarem Think Tanks em Washington e Nova Iorque. Dentre eles, destacamos o Institute for Educational Affairs e The Project for the New American Century (PNAC), além de outros já estabelecidos que ganharam força, como o American Enterprise Intitute (AEI), Hudson Intitute, Claremont Institute, Heritage Foundation e Hoover Institution (este em Londres).

Durante o governo de George H. W. Bush os neoconservadores não mantiveram a influência que tinham até então, centrando-se na organização de suas idéias e montando uma rede, dentro da “nova direita”, de incentivo e de financiamento da “América Conservadora”. Enquanto republicanos e conservadores tradicionais como Colin Powell, James Baker e Brent Scowcroft ocupavam os principais postos do governo de George H. W. Bush, os neoconservadores e alguns republicanos ilustres discutiam suas idéias nessa rede de Think Tanks que apresentamos, propondo, entre outras coisas, uma postura externa mais agressiva, com mais iniciativa, mais gastos militares, mais atenção para os temas da segurança e da defesa e, fundamentalmente, a construção de uma ordem internacional guiada pelos valores dos EUA.

Dentre esses Think Tanks destacamos o PNAC, criado em 1997 que, em linhas gerais, propõe: 1) Os EUA como uma liderança boa para o mundo; 2) A liderança americana depende de sua força militar; 3) É preciso uma diplomacia mais enérgica e 4) Crença nos princípios morais, entendidos como a necessidade de se estabelecer uma ordem e de se buscar seu respeito. Do quadro da PNAC George W. Bush irá buscar vários nomes para o gabinete

de seu primeiro governo, dentre eles Paul Wolfowitz, Douglas Feith, James Woolsey, Kenneth Adelman, que trabalharam no governo subordinados a Rumsfeld, Michael Lideen e David Wurmser, subordinados a Dick Cheney. No AEI, doze nomes foram para o gabinete de George W. Bush em cargos de segundo e terceiro escalão, dentre os quais destacamos Richard Perle e Irving Kristol. Com passagem pelo governo e pelo Hoover Institution, temos Elaine Chao, Kay C. James, Mitch Daniels e Elliott Abrams.

Os neoconservadores, portanto, municiaram a administração George W. Bush não só com nomes mas também, após os atentados terroristas de 11\09\01, com um plano de ação⁷

Conclusão

A nova direita que apresentamos aqui como uma base fundamental do governo George W. Bush, formada pela Coalizão Cristã e pelos neoconservadores, pode parecer uma aliança improvável e pouco fecunda, caso os laços que os unem se limitem a temas táticos associados à simples busca pelo poder. Os neoconservadores acreditam na cristalização da supremacia militar americana como geradora da identidade nacional assim como acreditam que os EUA são um modelo de nação para o mundo por se sustentarem no tripé liberdade, democracia e livre iniciativa. Os neoconservadores convenceram, não só George W. Bush, mas boa parte da sociedade dos EUA, de que a resposta ao 11\09\01, ou seja, a ofensiva militar, foi e continua sendo a resposta correta. Mostrando-se contrários a tudo que se fez nos anos de 1960 (em termos econômicos, políticos e principalmente culturais), eles propõem novas guerras, novos valores e fundamentalmente uma nova política externa. Municiados pelas idéias desse grupo e da Direita Cristã, George W. Bush comprometeu-se e passou a sustentar o unilateralismo, mostrou-se mais disposto a intervir no exterior, olhando para o mundo com olhos e com preocupações morais.

George W. Bush é um renascido cristão que governou um dos estados mais moralistas dos EUA, o Texas, e que encontrou na Coalizão Cristã não só votos e dinheiro como também os mesmos valores e as mesmas opiniões das quais compartilha quanto a temas como a família, sexualidade, juventude, criminalidade e educação. Entre a Coalizão e os neoconservadores há concordância em temas como a postura dos EUA em relação a Israel, a ONU, o combate ao terrorismo, guerra às drogas e combate à pornografia. Historicamente ambos são anti-contracultura (revolução sexual), defendem o controle ou a proibição da

⁷ Sobre a relação entre o 11\09\01 e os neoconservadores, ver nosso artigo “**Por Deus , Pela Pátria e pelas Idéias**”. Em breve disponível no site do OREAL.

violência e da pornografia na mídia e, em síntese, ambos partem de uma visão moral do mundo, no caso dos neoconservadores em relação à política externa e, no caso da Coalizão, em relação à sociedade. Além disso, neoconservadores e membros da direita cristã estão juntos em Think Tanks centrais para a sustentação de George W. Bush, tais como os já mencionados AEI, Claremont Institute, Heritage Foundation e Hoover Institution. E vale destacarmos também que Irving Kristol, um dos nomes centrais do movimento neoconservador, escreveu a biografia de Jerry Falwell, um dos pilares da Coalizão Cristã. Em comum também podemos destacar que tanto os evangélicos como os neoconservadores no passado já apoiaram os democratas, no primeiro caso com Jimmy Carter e, no segundo, com o senador Henry “Scoop” Jackson. Tendo traços em comum no passado, estando juntos no presente, neoconservadores e a Coalizão Cristã pretendem, no futuro, mostrar que a “revolução republicana” veio para ficar.

Referências Bibliográficas

- BACEVICH, Andrew J. *The New American Militarism*. Oxford University Press. 2005.
- BRANDS, H.W. *What America Owes the World*. Cambridge University Press, 1998.
- BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a revolução em França*. Brasília: Editora da UnB, 1982.
- COLTER, Ann. *Slander*. Three Rivers Press. NY. 2002.
- EASTON, Nina J. *Gang of Five*. Touchstone Book, NY, 2000.
- FINGUERUT, Ariel. *O Pensamento Neoconservador e a Política Externa de George W. Bush: Percepções da América Latina a partir das crises do Equador e da Bolívia*. Monografia disponível na biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara. 2005.
- HARVEY, David. *O Novo Imperialismo*. Ed. Loyola, São Paulo. 2004.
- KAGAN, Robert. *Do Paraíso e do Poder*. Rocco. Rio de Janeiro. 2003.
- KENNEDY, Paul. *Ascensão e Queda das Grandes Potências*. Ed. Campus. São Paulo. 1989.
- KRISTOL, Irving. *The Neoconservative Persuasion*. U.S News & World Report, v. 08, n. 47.
- _____. *Neoconservatism*. The Free Press, New York. 1995.
- KRISTOL, William. *The Long war*. The Insider V.11, n. 24, 03\06\2005.
- KROHN, Claus-Dieter. *Intellectuals in Exile*. The University of Massachusetts Press, 1993.
- MARTIN, William. *The Cristian Right and American Foreign Policy*. Foreign Policy, Primavera de 1999. Nova York - NY.
- NYE, Joseph S. Jr. *O Paradoxo do Poder Americano*. Unesp. São Paulo. 2002.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A política externa dos Estados Unidos*. Ed. UFRGS, Porto Alegre – RS. 2003.
- PRESTOWITZ, Clyde. *Rogue Nation*. Basic Book, 2003.
- STRAUSS, Leo. *Que es filosofia politica?* Obras Primas. Madrid. 1979.
- WOODWARD, Bob. *Os Comandantes*. Ed. Rocco, Rio de Janeiro – RJ. 1991.
- WOOLDRIDGE, Adrian e MICKLETHWAIT, John. *The Right Nation*. Penguin Books. Londres. 2004.